

A REVOLTA DOS MENINOS DO PAPA!

O Brasil acorda e se levanta de peito erguido seguindo avante a um futuro brilhante e reluzente, livre dos germes roedores do modelo arcaico e putrefato que necessita ser estorricado em caldeira que faça eliminar até mesmo o mínimo resquício de suas cinzas malvadas e atrozes. A classe política brasileira precisa saber que ninguém, mas ninguém mesmo detém a escritura vitalícia do poder, muito menos os tiranos que o exercem de forma solerte, autoritária e individualista. Esses infelizes desconhecem que todo poder emana da vontade soberana do povo e em nome deste deverá ser exercido.

Foi preciso que o papa Francisco desse aula aos políticos brasileiros demonstrando o que é ser uma autoridade que não se afugenta do provo, diferentemente dos representantes da nossa classe política que se vê entronada e distante do calor humano, a fim de se resguardar de incessantes vaias que são direcionadas aos nossos atuais dirigentes. No transcorrer da Jornada Mundial da Juventude, a presidenta da República somente compareceu a um único evento, a missa do domingo pela manhã, sempre blindada por seguranças, deixando-se entrever seu temor pelas vaias dos jovens que precisam ter uma janela aberta para o futuro.

Os jovens que não protestam não agradam ao Papa! Exigem a “lumen fidei” (a luz da fé) estando todos cientes do “spe salvi” (salvos na esperança) e desconhecendo a mentira oficial da desilusão. As manifestações das ruas haverão de prosseguir até que o governo demonstre com atos e atitudes ser merecedor de um crédito de confiança, pois o modelo atual de governabilidade tem-se mostrado medonho e fincado numa bandeira de conquistas detestadas pelo povo que se posiciona contrário a essas desditas.

As centenas de manifestações nas ruas e praças do país têm o condão de fazer cair a máscara da presidenta e dos governadores que, usando do sortilégio do engodo, dizem apoiar as reivindicações que não pertencem tão somente aos “meninos do Papa”, mas a toda a sociedade brasileira que não mais suporta tanta desídia no tocante a itens basilares como

educação, saúde e segurança pública, todos de responsabilidade e dever do Estado.

Uma presidenta que ambiciona ser reeleita tem que sentir o “cheiro do povo” e jamais dele se distanciar por temer receber sonora vaia como aconteceu na despedida oficial ao máximo pontífice da Igreja Católica, delegando ao vice-presidente, Michel Temer, o encargo de ali representar a nação brasileira, ferindo assim a boa diplomacia, além de dar a entender que ela se preservava do constrangimento de possíveis zombarias sonoras.

Por outro lado, ver o partido pedestal do governo, que se vangloria de pertencer aos trabalhadores, barrar a entrada de uma negra integrante da militância da agremiação, durante as comemorações dos dez anos de mando e desmando neste país, por esta estar malvestida, é algo intrigante e demonstra a vã vaidade que tomou conta de um partido outrora denominado dos Trabalhadores. Qual a verdadeira razão por trás do desejo excessivo de manter as aparências, quando se sabe que os cardeais do partido --- trinta e sete réus do famigerado “mensalão” --- já estão condenados em última instância por formação de quadrilha?

Torna-se imperioso que a Justiça seja holística e ouça o clamor popular, pois, ocorrendo o contrário, ela estará dando a maior contribuição à inversão de valores, não vendo o homem no sentido grupal. Se algo de positivo não surgir em relação ao processo do mensalão, mais combustível será jogado na fogueira da insatisfação popular, alimentando a revolta da juventude cujos protestos não terão mais prazo para chegar ao fim, permanecendo latente a convulsão social. Se essa insatisfação não for contida a tempo é bem possível que o atual sistema se desmantele.

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem.” (Jo. 10:27), uma lição deixada pelo papa Francisco, um pastor que não tem medo de povo e procura deste se aproximar, fazendo questão de cumprimentar o maior número de pessoas, levando palavras de conforto e fé. Agindo, assim, com determinação de líder, o papa confirma ser um bom pastor, aquele que não quer ver suas ovelhas

desgarradas: “Sejam revolucionários e vão contra a corrente e se rebelem contra a corrente do provisório!”

Essa admoestação significa que as pessoas unam-se como irmãos onde impere justiça e paz, de modo a possibilitar que o governo seja visto como fator de segurança da igualdade social, que não mantenha distância de sua gente, que se evite, portanto, a exclusão social. A nuvem telúrica e impiedosa que se abateu sobre o governo central alastra-se por todos os governantes estaduais, a exemplo do que vem acontecendo no Estado da Bahia, no qual seu governante faz uso de sórdida perversidade para humilhar os servidores públicos não lhes assegurando o lídimo direito ao que é de justiça.

Nesse contexto, como é de sabença, o Governo Estadual não cumpre a decisão de pagar precatórios de alimentos que são frutos do suor, lágrima e sangue de seus titulares. Muitos tombam na espera e dificilmente eles serão pagos às viúvas, a não ser com deságio de morte, em percentuais que variam de 70% a 80% a menos do que têm direito. Tudo isso causa revolta à família desses servidores que se juntando aos manifestantes clamam por mudanças e levam às ruas o espelho da injustiça à espera que seu protesto encontre eco e seja ouvido. Para sanar essa irregularidade bastaria que o Governo da Bahia cumprisse a decisão do STF que determinou o pagamento àqueles que outrora pugnaram pelo bem da segurança social do Estado.

A revolta contra a insensatez, a desumanidade e a crueldade dos atuais governantes não são privilégios dos “meninos do Papa”, mas de toda pessoa adulta deste nosso Brasil, incluindo pais e avós, mães e viúvas, que vivem a carpir, não pela piedade ou generosidade do Governo, mas por justiça quanto a seus sagrados direitos. No tocante à URV, de há muito o Governo zerou a dívida com o Poder Judiciário e o Ministério Público. Espertamente esquece-se do restante do funcionalismo, já que essa classe não tem força para exigir seu direito líquido e certo, confirmando a máxima latina: “Fortes fortuna adjuvat! (A sorte favorece os intrépidos” e sem levar em conta o também latino brocardo: “Ubi eadem ratio, idem jus” (Onde há a mesma razão, aplica-se o mesmo direito).

O governo de Wagner sofre os efeitos do desgaste político por ainda não ter entendido que “As próprias obras é que prejudicam os malvados” (Santo Agostinho) e “Mas o direito dos mais miseráveis dos homens, o direito do mendigo, do escravo, do criminoso, não é menos sagrado, perante a justiça, que o do mais alto dos poderes.” (in Oração dos Moços, Rui Barbosa) Os aposentados, as viúvas e os demais servidores públicos, que hoje clamam por seus direitos, produtos do suor e lágrimas derramados em defesa e manutenção do Estado, em decorrência da insensibilidade do Governo, poderão amanhã voltar a sorrir ao ver este descer a escada: “Ridendo castigat mores” (Com risos castigam-se os costumes). Esse provérbio latino é sábio!

“Eu e o Lula somos indissociáveis”, “Eu acho que não vai voltar porque ele não foi”, “Ele não saiu”. Será que nossa presidenta é tutelada por Lula? Por essa e outras razões, até mais inadequadas, é que os “meninos do Papa” vivem o momento da incerteza quanto à janela do futuro e até esperariam que o governo central mostrasse com segurança a tábua de salvação para que todos guardassem a esperança de viver plena cidadania, aliás, direito inalienável da pessoa humana.

Não se deve tentar camuflar a verdade, pois é sabido que a atual forma de governo mostra-se cansada, desacreditada e em baixa, tendo em vista a atuação dos atuais detentores do Poder, devendo aqueles saber que este é momentâneo e transferível para satisfação do Povo (República = res publica, ou seja, “coisa do povo”). A Chefa da nação brasileira encontra-se sorumbática e melancólica diante da evolução das manifestações que teimam em não ter fim, enquanto o País não entrar em sintonia com as pretensões emanadas da juventude que, por serem justas, já ganharam a simpatia e apoio popular.

Percorrendo caminho inverso, a classe política brasileira ainda não se conscientizou de que o mundo mudou, preferindo viver a dicotomia política do sec. XX que o dividia entre direita e esquerda e criava os chamados “currais eleitorais”, e continuam decepcionando, a própria presidenta, governadores, prefeitos e parlamentares, sendo cognominados de “raposas felpudas” pela ministra baiana Eliana Calmon

Alves, do Supremo Tribunal Federal, exímios ponguistas no “bonde andando”, este, da Revolta dos Meninos do Papa!

A bem da verdade, o Brasil atravessa grave turbulência institucional, onde falta ordem, respeito às autoridades constituídas, segurança social. Assiste-se a cenas de violências contra pessoas e o patrimônio público ou privado, no que se constitui vergonhosa afronta ao Estado de Direito que, em tese, goza de amplo amparo constitucional. Sedes oficiais de governo, câmaras estaduais e municipais e quartéis de diversas unidades militares, de onde é surrupiada grande quantidade de armas e munição, estão sendo constantemente invadidos. Matam-se juízes, promotores e policiais por não temerem o caráter intimidativo da pena. Verdadeiro caos de ordem moral para com os governantes resultante da revolta em relação a tudo o que aí está e se nos apresenta.

Um dos cancos existentes diz respeito ao uso da máquina administrativa do governo no afã de se eleger os protegidos do regime, o que não deixa de se configurar corrupção oficial em detrimento de outros postulantes menos abastados. Para erradicar a fúria da juventude revoltada com as mazelas políticas nacionais, uma das medidas imediatas deveria ser o impedimento para os atuais governantes e parlamentares, bem como, os que já exerceram os citados cargos anteriormente, de poder concorrer às próximas eleições.

Geraldo Dias de Andrade é Cel. PM/RR – Bel. em Direito – Membro da Academia Juazeirense de Letras – Escritor – Cronista – Membro da ABI/Seccional Norte.